

Filozofski fakultet Sveučilišta u Zagrebu

Odsjek za romanistiku

Katedra za portugalski jezik i književnost

**A ideia e a realização de Brasília, capital nova do
Brasil**

**Ideja i ostvarenje Brazilije, novoga glavnoga grada
Brazila**

Diplomski rad

Mentor: mr. sc. Želimir Brala

Student: Dragana Nikšić

Zagreb, lipanj 2015.

Índice

1. Introdução	4	
2. A ideia e o mito de Brasília	5	
3. O Brasil nos anos 50	10	
3.1. O modelo desenvolvimentista	11	
3.2. O modelo neoliberal	12	
4. Os personagens principais	14	
4.1. Juscelino Kubitschek	14	
4.2. Oscar Niemeyer	17	
4.3. Lúcio Costa	20	
5. O modernismo	21	
6. O Plano Piloto de Brasília	25	
7. Que faz de uma cidade uma cidade?		27
8. A natureza da cidade	29	
9. As utopias de Brasília	30	
9.1. A utopia de descolonização	31	
9.2. 8.2. A utopia de progresso	32	
9.2.2 O progresso	32	
9.2.2 A ordem	35	
9.3. A utopia de igualdade	36	
10. A morte da rua	38	
11. O abasileiramento de Brasília	41	
11.1. A periferia e a estratificação social	41	
11.2. A familiarização da cidade	42	
12. Brasília hoje	44	
13. Conclusão	46	
14. Bibliografia	48	

1. Introdução

O objetivo desta obra é analisar a função e a importância de cidade de Brasília no contexto do seu significado social, cultural e histórico como capital do Brasil. Desde a sua construção em 1956, a cidade de Brasília tem sido objeto de controvérsias: construída a partir do zero, num espaço anteriormente desabitado no centro pouco desenvolvido do país, para servir como capital e descentralizar a política e economia concentrada no Rio de Janeiro e assim facilitar a governação sobre o espaço vasto do Brasil e tratar de acomodar a expansão rápida da população urbana e desenvolvimento da industrialização depois da Segunda Guerra Mundial. Vários sociólogos, arquitetos e antropólogos escreveram sobre o assunto. A maioria deles, por exemplo, James Holston (1989), classificam a ideia de construção da capital que mudaria o futuro de um país inteiro como uma “utopia modernista”. As suas características utópicas vão ser enumeradas e discutidas baseando-se na obra de Martin Stierli (2013).

James Holston também afirma que Brasília é um exemplo de projeto baseado num paradoxo – retrata um futuro imaginado e desejado, e fazendo isso, nega a situação presente no Brasil. Esta dualidade é o contraste entre o ideal e a realidade é precisamente o núcleo de característica utópica de Brasília (Holston, 1989:20) e que uma cidade sem história simplesmente não é “cidade real”. Vemos que esta denominação não é tao simples porque a definição de termo “cidade” também apresenta problemas, porque varia entre países e entre diferentes áreas de estudo.

Adicionalmente, as hipóteses da sua construção vão ser representadas e comparadas com a situação presente em Brasília para ver se a chamada

utopia modernista se realizou ou não.

2. A ideia e o mito de Brasília

Para explicar a história de Brasília, a capital atual do Brasil, é necessário mencionar as suas ex-capitais: o Salvador e depois o Rio de Janeiro.

Salvador foi fundada e tornou-se capital em 1549. No início da época colonial, outros países europeias também foram presentes na América Latina e todos deles quiseram ocupar o maior espaço possível. A ameaça maior para Salvador nessa época foram os franceses. Eles dominaram a Guanabara e regiões vizinhas, mas também foram presentes nas regiões de Rio Grande do Norte, Paraíba, e Maranhão. Quando foram expulsos, apresentou-se uma ameaça nova, e ainda maior – os holandeses. Os holandeses não queriam apenas as regiões do Brasil despovoadas como os franceses – eles atacaram mesmo as cidades mais importantes. Salvador foi uma delas: a cidade foi conquistada e dominada pelos holandeses durante um ano (1624-1625). Depois da sua expulsão de Salvador, os holandeses voltaram cinco anos depois e estenderam o seu domínio ao Nordeste (Pernambuco, Olinda, Recife) e causaram problemas econômicos para a Coroa Portuguesa por causa do seu domínio sobre o mercado de açúcar e de escravos. Esse domínio durou até 1654, quando os holandeses capitularam. Este acontecimento é conhecido na história do Brasil como ‘Capitulação do Campo do Taborda’. Salvador permaneceu capital por mais um século, até 1763, quando a sede do Governo se mudou. Ainda não para o local proposto – o interior, mas para o Rio de Janeiro.

Ambas cidades tinham aproximadamente a mesma população (40 000) na

altura, mas, por razões administrativas, a vida colonial mudou-se para o Centro-Sul, especialmente para o Rio de Janeiro. Por causa disso, o Marquês de Pombal escolheu o Rio como capital. Salvador foi construída para servir como capital, tinha toda a estrutura apropriada, e o Rio não, mas, mesmo assim, cumpriu a sua função da capital de maneira satisfatória. O Rio da altura foi a cidade onde os escravos e as mercadorias entravam no país e para onde o ouro das minas foi enviado, e a mineração tornou-se economicamente mais importante do que a indústria de açúcar. Além disso, o Rio tinha uma rede de caminhos e uma comunicação excelente com o resto do país, de maneira que o governo português pôde controlar o território vasto do Brasil e assegurar unidade política, social e econômica.

Ambas as ex-capitais são cidades litorais, e pouco tempo depois da mudança de capital de Salvador para o Rio de Janeiro, as entidades oficiais começaram discutir sobre os problemas potenciais – a possibilidade de um ataque naval. Praticamente todas as vilas e cidades litorais haviam sido invadidas e saqueadas. O Rio de Janeiro foi um porto em expansão e um ataque destruiria a sua economia. Isso foi a primeira razão para mudar a capital novamente, para o interior. A segunda razão foi que a área no Planalto Central dispunha com excelentes recursos de água, que foi muito importante considerando a possibilidade de expansão no futuro. A terceira razão foi que fazia sentido política e economicamente trazer o foco para o interior do país.

Entretanto, a ideia de mudar a capital para um local no interior não foi uma ideia completamente nova: data no fim do século XVIII e continua até a sua realização no século XX. Os membros da Inconfidência Mineira em 1789, uma tentativa de independência na então capitânia de Minas Gerais, queriam

que a capital se mudasse da costa para o interior. Em 1822, quando a Independência foi proclamada, José Bonifácio de Andrada escreveu a obra intitulada “Memória sobre a necessidade e meios de edificar no interior do Brasil uma nova capital” e nela sugeriu dois nomes para a nova capital: Petrópolis e Brasília. Ele destacou que a nova Capital criaria, em curto prazo, “um giro de comércio interno da maior magnitude”. Esse foi o primeiro plano administrativo para Brasília. Depois, o diplomata e historiador Francisco Adolfo de Varnhagem, Visconde de Porto Seguro, realizou estudos e concluiu que o local “no planalto alto onde começam as bacias de três rios grandes: Amazonas, São Francisco e Plata” – a região de Planalto Central, seria ideal pela construção da capital nova. Varnhagem afirmou que a Capital no interior “seria mais adequada a civilizar todo o sertão e a desenvolver suas latentes riquezas, bem como o comércio das províncias entre si”. Em 1891, durante a primeira constituição republicana, a transferência da capital voltou a ser discutida. A emenda de Lauro Müller foi aprovada, e estabeleceu uma área de 14 mil quilômetros no Planalto Central para a construção da nova capital da República. Isso foi o primeiro passo constitucional para a mudança da capital, mas o governo novo ainda tinha que organizar e demarcar a área do futuro Distrito Federal. Luís Cruls e vinte membros da sua equipa formada por biólogos, botânicos, astrônomos, geólogos, médicos e militares, trazendo quase dez toneladas de equipamento, fizeram-no em 1892. A expedição durou sete meses, mas a equipa conseguiu marcar os limites quadrilaterais da nova capital e relatou sobre “o majestoso e grave tranquilidade da paisagem”. Pela primeira vez alguém descreveu em detalhes as características do clima e do solo do Planalto Central. Um extrato do relatório diz o seguinte:

"É inegável que até hoje o desenvolvimento do Brasil tem-se sobretudo localizado na estreita zona de seu extenso litoral, salvo, porém, em alguns dos seus Estados do sul, e que uma área imensa de seu território pouco ou nada tem se beneficiado com este desenvolvimento. Existe no interior do Brasil uma zona gozando de excelente clima com riquezas naturais, que só pedem braços para serem exploradas."

Além das razões mencionadas, existia um mito que a construção da capital no coração do Brasil é um meio para o lançamento de uma civilização grande que vai prosperar num paraíso de abundância. Este mito foi potenciado por Dom João Bosco, um sacerdote e santo italiano, fundador da Congregação dos Salesianos, e u seu sonho supostamente profético em 1883, 75 anos antes de construção de Brasília. Segundo Holston, a lenda diz que ele viajou através dos Andes para o Rio de Janeiro guiado por um anjo (Holston, 1989:15). Quando vieram até o Planalto Central, onde Brasília está situada, observaram as suas características e viram filões de metais preciosos, minas de carvão, e depósitos de petróleo. D. Bosco escreveu o seguinte:

"Por muitas milhas, percorremos uma enorme floresta virgem e inexplorada. Não só descortinava, ao longo das Cordilheiras, mas via até as cadeias de montanhas isoladas existentes naquelas planícies imensuráveis e as contemplava em todos os seus menores acidentes. Aquelas de Nova Granada, da Venezuela, das Três Guianas, as do Brasil, da Bolívia, até os últimos confins. Eu via as entranhas da montanha e o fundo das planícies. Tinha sob os olhos as riquezas incomparáveis desses países, as quais um dia serão descobertas. Via numerosas minas de metais preciosos e de carvão fóssil, depósitos de petróleo abundantes que jamais já se viram em outros lugares. Mas isso não era tudo. Entre os paralelos 15 e 20 graus, havia um leito muito largo e muito extenso, que partia de um ponto onde se formava um lago. Então

uma voz disse repetidamente: "Quando escavarem as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a Grande Civilização, a Terra Prometida, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível. E essas coisas acontecerão na terceira geração". (Silva, 1971:34)

A interpretação oficial é que esta visão corresponde ao local de Brasília, construída entre as latitudes 15 e 16, e que o lago mencionado é o atual Lago Parará, um lago artificial. Ademais, a "terceira geração" que D. Bosco menciona foi interpretada pelos Brasilienses como as três gerações que iam seguir nos 75 anos depois do sonho; então a profecia realizar-se-ia nos anos 1950, os anos quando Brasília foi construída.

Como diz James Holston, este e alguns outros mitos reconhecidos oficialmente nos livros e monumentos da cidade apresentam o seguinte: "Brasília é um instrumento civilizador de Planalto Central, um precursor de desenvolvimento invertido no qual a capital cria a civilização sobre qual exerce uma soberania radiante." (Holston, 1989:17)

As medidas administrativas e jurídicas começaram a ganhar a forma com a primeira Constituição de República de 1891 na qual 14 000 km² no Planalto Central foram destinados para construção da nova capital. Então em 1892, 1946 e 1953 comissões foram reunidas para mapear o sítio da futura capital; as constituições de 1934 e 1937 repetiram as formas legais, e durante o mandato de presidente Epitácio Pessoa até a pedra fundamental foi assentada entre os paralelos de 15 e 20 graus, como no sonho de Dom Bosco, num local que hoje em dia faz parte de uma das cidades-satélites de Brasília. Entretanto, os passos concretos não foram feitos até a campanha presidencial de Juscelino Kubitschek em 1955. Antes dele, ninguém queria começar

um projeto tão extensivo e complexo, especialmente porque ele pudesse ficar incompleto durante a presidência de um presidente e sem garantias que o presidente sucessor continuará o projeto. A realização da capital no interior foi a parte central da sua administração. Foram precisos três anos, 60 000 trabalhadores, 1 milhão de metros cúbicos de betão e 100 000 toneladas métricas de aço, todo transportado de aviões porque as estradas não existiam, para concretizar as visões das pessoas diferentes durante 170 anos e construir essa cidade utópica do Novo Mundo.

3. O Brasil nos anos 50

Assim como no resto do mundo, o momento decisivo na formação da sociedade moderna brasileira foi o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945. Na altura, a maioria da população brasileira vivia nas regiões rurais, trabalhando no campo; a vida era simples, e não houve muita tecnologia; a única exceção sendo o rádio. Com o fim da guerra, o mundo inteiro dividiu-se em duas partes opostas, com diferenças profundas no sentido político e econômico. Num lado existiam os países do bloco ocidental, liderados pelos Estados Unidos: os países capitalistas, com liberdades civis, liberdade de opinião e de expressão e de voto; e, de outro lado, o bloco de Leste, liderado pela União Soviética: com liberdades restritas e com o Partido Comunista dirigindo o Estado. O Brasil optou por cortar as relações com a União Soviética e fazer parte do bloco capitalista, e o Partido Comunista Brasileiro tinha que funcionar na ilegalidade. Essa bipolarização também produziu uma divisão económica no cenário mundial: o Primeiro Mundo num lado, com países ricos e desenvolvidos, e o Terceiro Mundo no outro, com os países pobres e subdesenvolvidos. Apesar de os EUA fazer parte deste primeiro grupo, o Brasil ain-

da fazia parte do segundo grupo e, naturalmente, os governos a seguir queriam melhorar a situação.

No final da Segunda Guerra Mundial, a opinião pública sobre o futuro que o país devia escolher foi dividida. Segundo CiênciaMão, portal de Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, existiam os seguintes modelos de desenvolvimento do país.

3.1. O modelo desenvolvimentista

O grupo liderado pelo industrialista paulista Roberto Simonsen, enfatizou o processo de industrialização como o mecanismo crucial para desenvolver a economia do país. Era preciso, primeiro, aumentar e melhorar a infraestrutura de trânsito de automóveis, comboios e barcos, tudo isso para que as matérias-primas pudessem chegar até às fábricas, e, depois disso, até os consumidores. O planeamento e a modernização de processos e tecnologias para desenvolver agricultura e exploração de produtos minerais foi crucial, mas empresas domésticas não tinham recursos nem conhecimentos técnicos para fazer tudo e por isso precisavam de ajuda do governo ou de empresas estrangeiras, normalmente do Primeiro Mundo (EUA ou Europa de Leste).

Alguns membros do grupo pensavam que o próprio desenvolvimento foi o objetivo essencial e que não importava de onde o investimento ia vir. Outros, chamados *nacionalistas*, não quiseram aceitar o capital estrangeiro e argumentavam que os estrangeiros queriam explorar os produtos e matérias-primas brasileiros e depois ganhar quando os brasileiros compram os seus produtos industrializados.

3.2. O modelo neoliberal

Existia também o grupo oposto, liderado pelo economista Eugênio Gudin, que queria seguir o modelo neoliberal. Este grupo não queria a industrialização e o envolvimento do governo na produção e na economia, que deveria ser deixada para os empresários privados. Sublinhavam a agricultura como a base de progresso económico e queriam que a produção agrícola se melhorasse e se diversificasse. Com o lucro da exportação do café, açúcar, algodão, ou cacau, poder-se-iam comprar máquinas e tecnologia necessária pela produção. Aprovaram a presença das empresas estrangeiras no Brasil e também a produção doméstica de bens com custos baixos.

Quando Getúlio Vargas ganhou as eleições de 1950, optou por um modelo próximo ao desenvolvimentista-nacionalista: foi em favor de industrialização porque pensava que isso iria transformar o Brasil num poder econômico e num país desenvolvido. Incentivou a exploração dos recursos naturais, por empresas nacionais ou por governo que, segundo ele, tinha que fazer mais do que simplesmente participar na economia do país: tinha que produzir e estabelecer as regras de produção também. Embora fosse em favor de empresas domésticas, também aceitou o capital estrangeiro em outros setores da economia. Não foi em favor de política de esquerda, mas defendeu decididamente os direitos de trabalhadores. Essencialmente, Vargas queria cortar com a história agrícola do Brasil e começar uma era nova, incentivando indústrias domésticas e investindo nos setores estratégicos. A altura e as condições no país foram favoráveis pela criação de empresas nacionais, como por exemplo de petróleo (Petrobrás), exploração mineira (Vale), ou indústria automobilística. Tudo isso formou e fez parte importante do progra-

ma de Juscelino Kubitschek no governo sucessivo, e algumas das empresas continuam a ser importantes ainda hoje em dia.

No meio de turbulências políticas, Getúlio Vargas cometeu suicídio em 1954 e Juscelino Kubitschek assumiu a presidência do Brasil. Apesar de alguma oposição política, o governo de Kubitschek geralmente foi conhecido como um período positivo da história brasileira, chamado “Anos Dourados”. Embora fosse mais favorável à direita no cenário político, Kubitschek foi um líder pacífico e tratou os partidos de esquerda com respeito, deixando de persegui-los, como era o caso no tempo dos governos anteriores.

Continuou a promover a industrialização como o princípio da economia brasileira. Kubitschek também incentivou investimento internacional e nesse período as grandes empresas como Ford, Volkswagen, ou General Motors, entraram no país, criando muitas oportunidades de emprego na região sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo). Muitas pessoas mudaram do Nordeste para o Sudeste de país, onde os centros da indústria foram concentrados, criando êxodo rural e mudando nesta maneira significativamente a população do Brasil. No processo do êxodo rural um grande número de pessoas mudou das aldeias pelas cidades novas e as cidades não tinham condições para acomodá-los, e, além disso, algumas pessoas não tinham qualificações para encontrar trabalho nas indústrias novas. A consequência foi a criação de favelas e todos os problemas que acontecem nelas: pobreza, violência, falta de transporte e desemprego geral.

O processo de êxodo rural causou a criação e o sucessivo aumento rápido da chamada sociedade urbano-industrial: as pessoas que moravam nas cidades e trabalhavam nas indústrias. Por causa de aumento da população urbana

aconteceu uma outra novidade também - a criação de cultura popular e produção em massa. Com custo mais baixo da produção de bens, os objetos que antes eram demasiado caros tornaram-se acessíveis e houve um grande aumento da capacidade de consumo. Na vida doméstica apareceram “aparelhos modernos” como rádio, fogão a gás, televisores, enceradeiras, e também os produtos industrializados de uso pessoal como alimentos, bebidas, artigos de higiene pessoal e beleza, práticos, eficientes e modernos. Os ideais da vida dos EUA espalhavam-se no Brasil também, um estilo da vida completamente novo, agora publicitados mais facilmente pelos meios novos da comunicação - televisão e rádio.

Houve também uma revolução na arte, com formas novas de pensar e meios inovadores para se exprimir. Nos campos da literatura, música, cinema, teatro, arquitetura e arte plástica todos os artistas tiveram o mesmo objetivo - juntar os elementos do mundo novo e da mencionada cultura popular com a nacionalidade brasileira, utilizando direções artísticas que surgiram nos outros países.

Este progresso rápido, inovações técnicas, industrialização e urbanização resultariam num espírito de otimismo e esperança num futuro melhor, e estes ideais foram incorporados no conceito e construção de símbolo de desenvolvimento e progresso - Brasília.

4. Os personagens principais

4.1. Juscelino Kubitschek

O Presidente do Brasil no período 1956-1961 e o “pai” do Brasil moderno,

como é chamado pelos brasileiros, nasceu na cidade de Diamantina, Minas Gerais, no dia 12 de setembro 1902. O seu pai morreu quando Juscelino tinha 3 anos, e a sua mãe, professora da escola primária, formou os seus dois filhos, Juscelino e Maria da Conceição. Começou a estudar no seminário diocesano em Diamantina, mas acabou o curso de humanidades aos 14 anos, perdendo entretanto o interesse no sacerdócio. Como a família sobrevivia com a renda modesta da mãe, Juscelino trabalhou como telegrafista antes de se inscrever na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais em 1922. Depois de se formar em 1927, trabalhou na Clínica Cirúrgica da Santa Casa. Em 1930, viajou pela França querendo especializar-se em urologia, mas decidiu voltar depois da chamada Revolução de 1930 no Brasil, quando Getúlio Vargas chegou ao governo. Assumiu o lugar de capitão-médico no Hospital Militar, e serviu como médico das tropas mineiras durante a Revolução Constitucionalista de 1932, que foi um conflito entre o governo do presidente Vargas e o Estado de São Paulo.

Em 1931 casou com Sarah Gomes de Lemos, filha de deputado federal, e membro de família de grande prestígio nas Minas Gerais, com quem teve duas filhas.

A sua carreira política começa em 1933, quando morre o governador de Minas Gerais, Olegário Maciel, e o seu sucessor, Benedito Valadares, nomeia o Juscelino como o seu chefe-de-gabinete. Embora no início não quisesse aceitá-lo, foi bem-sucedido - abriu estradas, preservou edifícios históricos, e também construiu a sua primeira obra pública, a ponte que liga Diamantina com a cidade de Rio Vermelho. Em 1934 tornou-se o seu secretário do Partido Progressista de Minas Gerais (PP), com o objetivo de concorrer ao

cargo de deputado federal, e em maio de 1935 sucedeu - foi eleito para o seu primeiro mandato parlamentar. Exerceu o mandato até ao golpe de Estado Novo em 1937, quando o Congresso Nacional deixou de desempenhar a sua função, e o Juscelino voltou à medicina como diretor de Serviço de Urologia de Hospital Militar em Belo Horizonte, avançando depois até ao posto de tenente-coronel-médico da Polícia de Minas Gerais.

Em 1940, Benedito Valadares de novo insistia que Juscelino trabalhasse com ele - nomeou-o prefeito de Belo Horizonte. Desta vez não abandonou a carreira de médico e continuou a trabalhar como o diretor de Serviço de Cirurgia do Hospital Militar e de Serviço de Urologia de Santa Casa de Misericórdia. Além disso, ajudava às famílias pobres com medicamentos, e tornou-se o primeiro secretário do PSD (Partido Social Democrático). Em 1945 definitivamente abandonou a carreira de médico e dedicou-se à vida política.

Nessa altura começou o seu primeiro projeto com Óscar Niemeyer - construção de centro de lazer Pampulha. Além disso, Kubitschek criou vários edifícios culturais (museus, teatro, Instituto de Belas Artes), construiu pontes, desenvolveu a infraestrutura da cidade, e estimulou a construção de novas habitações residenciais.

Depois da queda do Estado Novo, em 1946, mudou-se para o Rio de Janeiro, como deputado federal para a Assembleia Nacional Constituinte pelo PSD. Destacou-se como um orador ótimo e um advogado pelos direitos sociais e pôs ênfase especial na elevação de nível da vida da população brasileira.

Em 1951 foi eleito governador de Minas Gerais e, tendo construído usinas hidrelétricas, introduziu a industrialização, querendo afastar o estado da sua

posição “agro-pastoril”. Construiu estradas, pontes, postos de saúde, e foi um governador muito eficaz e popular entre a população.

Finalmente, em 3 de outubro de 1955 foi eleito Presidente da República, entre 3 outros candidatos, e com 35,68% de votos da população. Começaram “Os Anos Dourados” - a época de prosperidade norte-americana, e no Brasil um forte crescimento econômico e rápida industrialização.

4.2. Oscar Niemeyer

Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho nasceu no Rio de Janeiro, em 15 de dezembro de 1907, numa família abastada. Depois da escola secundária, casou-se com Anita Baldo. Ficaram casados até a morte dela, em 2004, e tiveram uma filha, Anna Maria. Niemeyer trabalhou na tipografia do seu pai até se matricular no curso de Engenharia e Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes de Rio de Janeiro em 1929. Durante os estudos, em vez de estagiar, decidiu trabalhar de graça no escritório de Lúcio Costa, que foi o diretor do curso de arquitetura na altura, e que ia ter uma grande influência à vida e à obra de Niemeyer no futuro.

Forma-se Engenheiro Arquiteto em 1934 e já no início do seu trabalho como arquiteto, podem ver-se influências de modernismo europeu, especialmente de Le Corbusier; ele utiliza materiais novos e técnicas construtivas modernas.

O seu primeiro projeto foi feito junto com Lúcio Costa - a construção de então Ministério da Educação e Saúde. O próprio Le Corbusier foi convidado para colaborar no projeto, e Niemeyer foi responsável para ajudá-lo com os desenhos e isto permitiu Niemeyer para aprender os segredos do ofício diretamente do seu modelo.

Niemeyer trabalhou com Costa no projeto de pavilhão brasileiro na Feira Mundial de Nova Iorque em 1939. Inicialmente, um outro projeto de Costa tinha vencido o concurso, mas o próprio Costa julgou que o projeto de Niemeyer foi mais moderno e ousado. Impressionado com a obra de Niemeyer, o então prefeito de Nova Iorque, Fiorello La Guardia, ofereceu a Niemeyer o título de cidadão honorário.

A sua carreira começou com Juscelino Kubitschek e o Conjunto Arquitetônico de Pampulha, construído em Belo Horizonte entre 1942 e 1944. Como disse o próprio Niemeyer:

"Pampulha foi o ponto de partida desta arquitetura livre e cheia de curvas que eu ainda amo até hoje. Foi, de fato, o início de Brasília..."

O complexo incluiu um casino, um salão de dança, restaurante, um iate clube, um clube de golfe, e uma igreja, os quais estão distribuídos em torno de um lago artificial, chamado Pampulha. Uma casa de fim-de-semana para o prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek na época, também foi construída perto do lago. As influências de Le Corbusier e Mies Van Der Rohe eram visíveis, mas Niemeyer também começou a aplicar os elementos característicos da sua obra: utilização de betão armado, que nunca utilizou na maneira tradicional; querendo enfatizar linhas curvadas, e evitar o elemento mais típico da construção - o ângulo recto, ou linhas rectas. Disse Niemeyer

"Conscientemente ignorei o ângulo reto elogiado, e a arquitetura racional de T-quadros e triângulos para que pudesse entrar no mundo de curvas e formas novas graças a introdução de concreto no processo de construção."

Nos anos 50, a sua reputação internacional foi reconhecida quando foi sele-

cionado como um dos membros da equipa brasileira para colaborar com Le Corbusier e projetar a sede das Nações Unidas em Nova Iorque. O projeto foi um sucesso - ele foi convidado a dar aulas na Universidade Yale e até foi escolhido como reitor da escola de Design da Universidade Harvard, mas, sendo afiliado ao Partido Comunista, o Governo dos EUA recusou-lhe o seu visto de trabalho.

Entre os anos 1956 e 1960, Niemeyer colabora com Lúcio Costa no projeto de Brasília, durante o mandato do presidente Juscelino Kubitschek, que já tinha colaborado com Niemeyer no projeto de Pampulha. Niemeyer foi responsável pelos projetos dos edifícios, enquanto urbanista Lúcio Costa desenvolveria o plano urbanístico da cidade.

A sua ligação com o Partido Comunista não foi uma dificuldade apenas no estrangeiro - em 1964 tornou-se num problema grave no Brasil também, quando o presidente João Goulart havia sido deposto por um golpe dos militares. O período da ditadura militar durou 21 anos e, nesse período a vida e trabalho de Oscar Niemeyer foram agravados: a sede da sua revista, Módulo, foi destruída, o seu escritório saqueado, os projetos continuaram a ser recusados, e, afinal, os clientes desapareceram. Decidiu mudar-se para Paris em 1966. Abre o seu escritório nos Champs-Élysées e projeta principalmente edifícios na Europa e África do Norte; por exemplo Universidade de Constantine em Argélia, ou a sede do Partido Comunista Francês. Volta no Brasil no fim da ditadura militar, em 1985, e continua o seu trabalho. Em 1988, ganha o Prémio Pritzker, o maior prémio que um arquiteto pode obter; “o Nobel de arquitetura”, para a Catedral de Brasília. Continuou projetar até a sua morte, dez dias antes de ter 105 anos, no dia 10

de dezembro de 2012.

Niemeyer é considerado um dos arquitetas mais inovadores na história, e as suas mais de 500 obras ainda inspiram arquitetos em todo o mundo.

4.3. *Lúcio Costa*

Lúcio Costa nasceu em Toulon, França, no dia 27 de fevereiro de 1902. O seu pai foi um almirante e a família viajou e viveu em países diferentes; Lúcio formou-se na Royal Grammar School em Newcastle, Reino Unido, e no Collège National em Montreux, Suíça, antes de regressar no Brasil em 1917. Formou-se arquiteto na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro em 1924. Nessa altura, a Escola ainda aplicava um programa neoclássico e Costa começou a sua carreira como um dos membros de movimento estético neocolonial. Cinco anos depois da formatura, rompeu completamente com o estilo neocolonial e procurou uma linguagem plástica que correspondesse à tecnologia e ao estilo do tempo. Assim como Niemeyer, a sua influência maior veio da obra de Le Corbusier. Conseguiu trazer o arquiteto suíço ao Brasil para que colaborassem, junto com Niemeyer, no projeto de Ministério da Educação e Saúde em 1936. Tornou-se numa das personagens mais importantes na arquitetura moderna no Brasil desde que foi escolhido para dirigir e nessa maneira reformular o ensino na Escola Nacional das Belas Artes. Quando chegou ao posto de reitor, abandonou o currículo que favoreceu o programa neoclássico a favor de ideais modernos. As suas ideias progressivas geralmente não foram aprovadas e pouco tempo depois foi substituído como reitor.

Para Lúcio Costa nesse período, a arquitetura não foi simplesmente um processo de projetar um edifício, senão uma missão para que esse edifício con-

tribuisse à vida melhor dos seus habitantes e que melhorasse as condições da vida em geral. Esse carácter social da sua arquitetura foi a ligação entre ele e Oscar Niemeyer e sem dúvida, uma das razões que os dois funcionaram tao bem no tandem. A sua área de interesse não foi reservada pela arquitetura exclusivamente; ele tentou incorporar arte, filosofia, política e, especialmente elementos de melhoramento social na sua obra.

O seu papel no estabelecimento de diálogo entre a tradição e modernidade, combinação caraterística pela arquitetura brasileira, foi enorme.

A sua ideia para Brasília foi enviada apenas como uma ideia, um anteprojeto, e o próprio Costa disse que não pretendia concorrer, simplesmente sugerir uma das possibilidades para desenvolver o plano. Não obstante, venceu quase unanimemente e desenvolveu o Plano Piloto de Brasília.

Como membro e diretor de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, teve um papel grande na preservação dos edifícios e monumentos arquitetónicos.

Morreu no Rio de Janeiro, em 13 de junho de 1998.

5. O modernismo

Para falar sobre Brasília no contexto da sua reputação como cidade modernista, é necessário explicar o termo modernismo. Modernismo como movimento arquitetónico surgiu no início do século XX, e as figuras prominentes do movimento (Le Corbusier, Walter Gropius e Ludwig Mies van der Rohe) já tinham as suas carreiras estabelecidas nos 1920. Entretanto, a sua importância ganhou força real no período entre o fim de Primeira guerra mundial e os anos 70.

Existem críticos que pensam que o modernismo como um estilo único, comparável com o Barroco ou Classicismo, não existe. Afirmam que os seus limites são muito mais indefinidos do que os outros estilos durante a história. Alguns também pensam que o modernismo não é apenas um estilo, senão uma variedade de estéticas e sensibilidades. Mesmo assim, vamos supor que o estilo de modernismo existe, para facilitar a explicação de alguns fatores incluídos na construção de Brasília, a chamada “utopia modernista”.

A base do movimento foi a hipótese que a sociedade devia ser baseada na razão e não na tradição; tudo deve ser construído de novo. Esta forma de romper com a tradição foi exprimida dualmente:

- 1) a arquitetura do modernismo foi privada de todos os detalhes desnecessários; rejeitando ornamentos típicos e reconhecíveis de estilos passados, e
- 2) modernismo no planeamento urbano foi caracterizado pela abrangência urbanística, e na parte utópica, de construir cidades inteiras de novo.

A arquitetura de modernismo foi arquitetura de escasso: sem ornamentos e adornos de Art Nouveau ou Classicismo; rejeitava desordem e elementos desnecessários porque o foco foi mesmo no espaço, não nas decorações e nos detalhes que não são importantes para o desenho e o projeto. Os modernistas foram intrigados pelas novidades de tecnologia, incorporavam-nas na sua obra e criavam projetos revolucionários. A lema do movimento foi “menos é mais”; tudo foi simples, claro, e sobretudo funcional, porque “forma segue a função”. O modernismo não esconde nada - os materiais são mostrados na sua forma original, mesmo como os elementos estruturais; tudo é descoberto e oferece uma forma de sinceridade. Uma outra característica de Modernismo é a linearidade. Os arquitetos utilizam elementos lineares para

ênfatisar o espaço e para fazer isso empregam elementos como vigas, postos, janelas, escadarias e telhados para criar um espaço linear. Normalmente, as linhas são diretas e angulares, mas nem sempre assim – a obra de Oscar Niemeyer, por exemplo, consiste em linhas curvadas, mas mesmo assim muito simples.

Os materiais utilizados foram betão, aço, e vidro, de maneira que esteja “verdadeiros aos materiais”. Isso significaria que os materiais deveriam ficar na sua forma original; a forma natural de um material deveria estar mostrada, não ocultada. Um material deveria ser usado onde seria mais apropriado e por isso nunca deveria representar ou parecer como uma outra coisa. O concreto armado, por exemplo, não deveria ser pintado, e os traços de madeira feitos durante a construção não deveriam ser removidos.

A arquitetura de modernismo tinha uma agenda social também e a sua filosofia é ligada com a política de esquerda, consciência social e moralidade inerente. Mesmo assim, embora o movimento tivesse uma agenda social numa forma global, para melhorar a sociedade em geral, não tinha compreensão de dinâmica de família e comunidade e é por isso que muitas das construções modernistas foram demolidas nos anos 70.

As personagens principais do movimento tinham uma ideia que, se criarem uma arquitetura melhor, um mundo melhor ia seguir. O objetivo da arquitetura moderna desde o seu início não foi somente arquitetónico; o modernismo tinha uma designação espacial e social, como já foi mencionado - promover o desenvolvimento nacional transformando a vida quotidiana. Todas as construções feitas durante o período de modernismo, tinham conotações de “utopia” em si. A ideia que um estilo ou desenho poderia mudar o mundo inteiro

parece um pouco estranha e talvez demasiado idealística, e, como podemos ver hoje, mais de 50 anos depois da época de modernismo, não tinha sucesso. Num nível mais baixo, claro que algumas mudanças aconteceram – as condições da vida das muitas pessoas melhoraram, fato que não é insignificante, mas um movimento arquitetônico realmente nunca tinha capacidade para mudar a vida econômica ou política de uma cidade ou de um país. As expectativas de modernismo não foram realísticas, mas isso não quer dizer que a totalidade de movimento foi um fracasso. Uma citação de Martino Stierli talvez seja a mais apropriada para descrever a situação em Brasília:

“Olhando para trás, a partir de uma perspectiva contemporânea e com mais de 50 anos após da construção, a cidade aparece como um monumento à uma ideologia na qual ninguém tem fé já há muito tempo, uma museificação ossificada de uma visão utópica de um passado distante.” (Stierli, 2013:8)

Brasília sem dúvida simboliza a crença modernista num progresso perpétuo, mas a questão permanece se essa crença se tornou realidade, ou permaneceu um desejo; e se esse progresso é ainda possível hoje em dia, numa atmosfera completamente diferente e num Brasil alterado. É possível que Brasília seja o último exemplo onde uma nação inteira se unificou na sua fé em bondade e sucesso de uma operação tão grande e complexa.

É inegável que a situação no Brasil mudasse depois disso, e é talvez por isso que os pontos da vista da população alteraram-se drasticamente. Cinquenta anos passados contêm várias mudanças políticas, sociais e econômicas, muitas vezes para o pior, e tendo testemunhado ao tudo isso, a população talvez seja mais pessimista do que há 50 anos atrás e Brasília permanece como um símbolo de otimismo passado; e embora talvez nem esse otimismo

tivesse fundações rígidas, mesmo assim existia nas mentes das pessoas.

6. O Plano Piloto de Brasília

O presidente Kubitschek publicou o concurso para o projeto urbanístico de Brasília no dia 20 de setembro de 1956. Ernesto Silva foi responsável para planejar a construção da nova capital, e junto com Oscar Niemeyer escolheu o projeto de Lúcio Costa entre os 26 projetos inscritos. O júri escolheu o Plano Piloto de Costa, embora Lúcio Costa enviou um simples anteprojeto, sem detalhes. O seu relatório diz o seguinte:

“Desejo inicialmente desculpar-me perante a direção da Companhia Urbanizadora e a Comissão Julgadora do Concurso pela apresentação sumária do partido aqui sugerido para a nova Capital, e também justificar-me. Não pretendia competir e, na verdade, não concorro — apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada, mas surgiu, por assim dizer, já pronta.” (Costa 1957)

O projeto criou muitas controvérsias porque foi simplesmente o esquema de uma ideia; sem projetos mecânicos, planos sobre a utilização da terra ou planos sobre o desenvolvimento futuro da cidade. O seu projeto foi entregue em forma de cinco cartões com 15 esboços feitos à mão livre e um sumário de 23 artigos. James Holston sugere que a eloquência de Costa e a maneira na qual descreve a criação do seu Plano piloto como uma brincadeira; um ato espontâneo, sem origem e influência histórica foram responsáveis pela sua vitória. (Holston 1989: 65)

“Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administra-

ção, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país. Dito isto, vejamos como nasceu, se definiu e resolveu a presente solução:

- 1 – Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz.
- 2 – Procurou-se depois a adaptação à topografia local, ao escoamento natural das águas, à melhor orientação, arqueando-se um dos eixos a fim de contê-lo no triângulo equilátero que define a área urbanizada.” (Costa 1957)

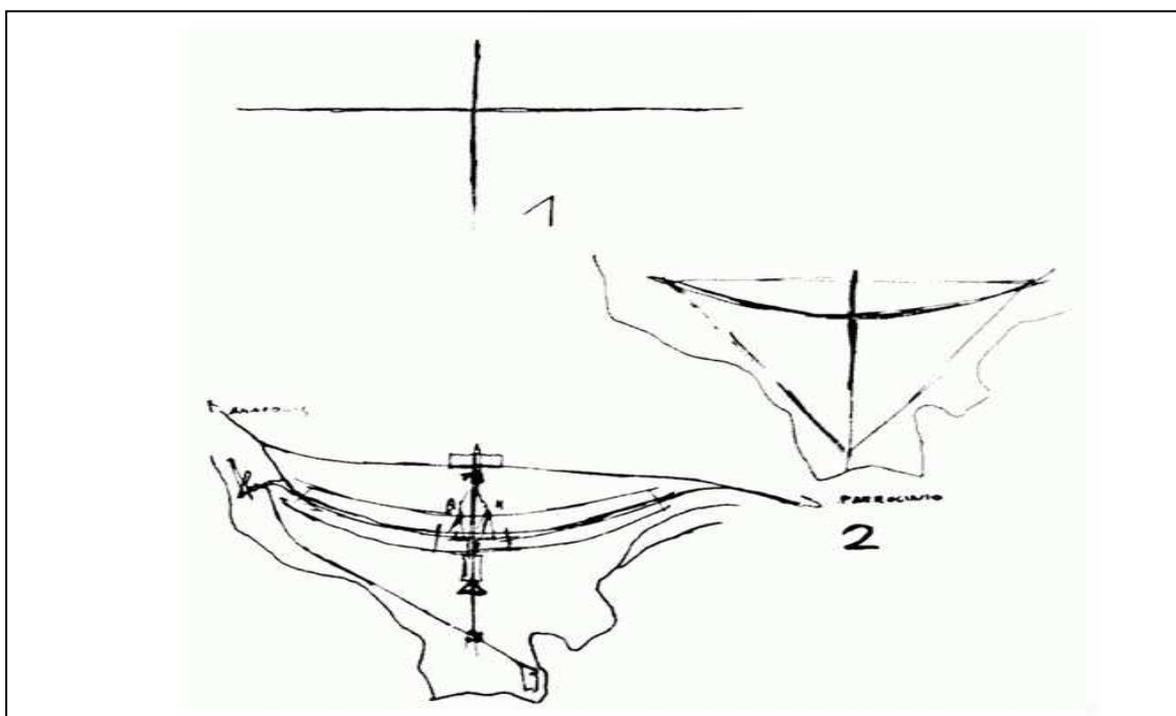


Figura 1

O próprio Costa descreveu a criação da ideia de eixos que ainda hoje em dia fazem partes centrais da cidade: Eixo Rodoviário (no sentido norte-sul) e Eixo Monumental (no sentido leste-oeste) (Figura 1). O Eixo Monumental fica no centro da cidade, onde se localiza a Praça dos Três Poderes e a Esplanada

dos Ministérios.

Falando de setores residenciais, Costa diz que “ocorreu a solução de criar-se uma seqüência contínua de grandes quadras dispostas, em ordem dupla ou singela, de ambos os lados da faixa rodoviária, e emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada, árvores de porte...” (Costa 1957). Cada destas superquadras tem edifícios semelhantes em aparência e não muito altos, com térreo livre e postas nos pilotis para dividir trafego e peões e para criar laços sociais entre os habitantes.

7. Que faz de uma cidade uma cidade?

Em 2008, a ONU publicou dados que sugerem que 50% da população mundial vive nas áreas urbanas, um fato impressionante, mas também contestável. O maior problema é a definição do termo “urbano” e ainda mais complexa é a definição do termo “cidade”.

Na maioria dos países do mundo, os habitantes moram nas vilas e aldeias relativamente pequenas. No outro lado, existem as megacidades, como por exemplo Tóquio ou Nova Iorque, cuja população ultrapassa as populações de muitos países. Cada país tem os seus critérios para definir o que faz uma cidade. No passado, estes critérios incluíram, por exemplo, a presença de uma sé, comércio, ou taxas.

Hoje em dia alguns países definem cidades somente em termos de números, que também variam muito (Peru - centros populados com mais de 100 habitações, Senegal - aglomerações com mais de 10 000 habitantes), enquanto outros consideram fatores adicionais também (Índia, por exemplo, exige que uma cidade tenha o seu próprio governo, mais de 5 000 habitantes, e que no

mínimo três quartos da população masculina não estejam empregados na agricultura). Podemos ver que a definição é muito subjetiva e depende do tamanho do país, do seu nível de desenvolvimento, e outros fatores significantes por esse país.

Richard Sennett, professor de Sociologia e Ciências Sociais, descreve a cidade como “um lugar onde se encontram os estrangeiros; onde ideias são criadas no espaço público”. Esta definição apresenta problemas para Brasília precisamente por causa da questão da espontaneidade, que falta tanto na Brasília por causa do seu planejamento detalhado e porque as pessoas não se encontram na rua.

Nigel Taylor, um filósofo e urbanista, discute este problema no seu livro *Urban Planning Theory since 1945*. Segundo ele, depois da Segunda Guerra Mundial, aconteceu uma mudança na mente das pessoas e as cidades pareciam mais atraentes do campo; mas mesmo assim, depois do entusiasmo inicial, houve um sentido de “nostalgia rural” e as cidades foram percebidas como algo mau e feio, e, de outro lado, a imagem do campo era idealizada, representando um vazio nas pessoas; perda de algo selvagem. Este sentido de nostalgia influenciou muito a teoria e a prática do planejamento urbano nas décadas seguintes; houve uma resistência inata pelas cidades e uma idealização do campo, e planejamento urbano foi considerado irrelevante. Além disso, a componente mais importante de planejamento urbano foi a estética, mas é evidente que a funcionalidade não se deve ignorar e que uma cidade linda não faz uma cidade boa.

8. A natureza da cidade

Como já foi mencionado, o fim da Segunda Guerra Mundial foi o momento decisivo na mente das pessoas, mas também na filosofia do planejamento urbano. O caos e a destruição que permaneceram depois da guerra fizeram que as pessoas quisessem uma intervenção adicional do governo no processo de planejamento urbano. Houve um sentimento geral que o envolvimento da política na área de planejamento urbano ia estabelecer um novo sistema de planejamento e controle no país inteiro. Além disso, por causa das atrocidades e das consequências imprevistas da guerra no mundo inteiro, as pessoas achavam que o papel do governo na sociedade e nos processos sociais deveria ser maior, mais ativo e muito mais interveniente na vida quotidiana. O plano por trás de Brasília pretendia fazer precisamente isso: a cidade planejada desde o início, que ia eliminar problemas existentes e prevenir os problemas vindouros, criar ordem social e uma civilização nova, com futuro brilhante pelo povo brasileiro.

Nigel Taylor sugere que essa expectativa que pessoas tinham de planejamento urbano poder fazer milagres nas áreas que ultrapassavam o seu domínio era causada pelo fato que o planejamento urbano na Europa do pós-guerra era visto como a extensão da arquitetura e construção civil; não exclusivamente, mas na maior parte, como planejamento físico, feito pelos arquitetos e engenheiros civis (Taylor, 2007:5). O planejamento nesse sentido incluiu três componentes: planejamento urbano como planejamento *físico*, o *projeto* como parte fundamental do planejamento, e a hipótese que o planejamento urbano tem que incluir a produção de um ou vários *planos principais* ou *planta baixa* contendo o mesmo nível da precisão como os planos arquitetônicos ou de

engenheiros civis.

A despeito da atitude na Europa que o planejamento urbano é puramente planejamento físico, e não inclui elementos sociais, econômicos e políticos, as personagens principais de Brasília certamente incluíram os fatores mencionados no planejamento: Juscelino Kubitschek teve a visão política, querendo eliminar pobreza e criar uma sociedade ordenada e com futuro próspero; Oscar Niemeyer queria eliminar as classes sociais criando as condições da vida iguais por todos; e Lúcio Costa projetou o plano da cidade para que tudo tivesse o seu lugar e para que a organização fosse no nível máximo. Podemos ver que o método de abordar o assunto de Brasília sem dúvida foi progressivo nessa altura, e que incluiu componentes a que o resto do mundo chegaria anos depois.

9. As utopias de Brasília

Já várias vezes foi mencionada Brasília como “utopia modernista”, e agora vamos explicar porque. A definição de utopia diz o seguinte:

“Ideia ou descrição de um país ou de uma sociedade imaginários em que tudo está organizado de uma forma superior e perfeita.” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa)

A palavra foi forjada pelo humanista inglês Thomas More em século XVI e o neologismo denotava “um não-lugar” (de *tópos* – lugar em grego). Entretanto, a etimologia foi dupla: o prefixo negativo em grego foi “a”, então “um não-lugar” em grego seria *atopia*. O termo *utopia* foi homônimo com *eutopia*, significando ‘um bom lugar’ em inglês, e isso não foi acidente nenhum. Então, a utopia de More designava uma sociedade ideal num mundo contemporâneo,

mas fictício e remoto; uma ilha imperturbada e isolada de influência exterior. Como podemos ver, Brasília foi adequada pela definição: situada no Planalto Central, no interior de país, com pouca população, sem constritos herdados de passado colonial – uma ilha isolada, somente sem mar nos arredores. Como sugere Martino Stierli, o caráter utópico de Brasília pode ser visto através das três perspectivas diferentes (Stierli, 2013:8).

9.1. A utopia de descolonização

A independência do Brasil em 1822 denotava um futuro novo pelo país e desde esse período, os Brasileiros queriam cortar as ligações reais e simbólicas com o seu passado colonial. Os portugueses foram os colonizadores e os seus traços foram particularmente visíveis na área costal. Entretanto, o interior ainda foi descolonizado: os povos indígenas ainda tinham, e ainda têm, uma presença muito intensa no interior e por isso o espaço teve um nível de autenticidade, ao que o povo brasileiro aspirava tanto atingir. Ademais, a Região Centro-Oeste do Brasil não possui o litoral - é a região mais interior do país, que também contribui ao seu valor como uma região distintamente brasileira, e não aportuguesada. O destino mitológico de povo Brasileiro, exprimido no sonho profético de D. Bosco finalmente podia estar realizado. O plano tinha dois elementos adicionais: o elemento económico (a possibilidade de exploração das riquezas naturais inexploradas) e o elemento cultural (a unificação de interior e de área costal). Além disso, a construção de uma capital nova devia ter estimulado mais projetos semelhantes; como declarou Lúcio Costa: “Brasília não vai ser o resultado de planeamento regional, senão a causa.” O domínio português devia finalmente acabar, a herança colonial devia parar e a capital velha de Rio de Janeiro, simbolizando o império marí-

timo português com a sua costa, devia dar lugar a uma capital nova no interior. Paradoxalmente, uma nova era na história do Brasil devia começar na mesma maneira na qual começou a era velha do Brasil, da qual os Brasileiros queriam tanto a fugir - com a colonização.

9.2. 8.2. A utopia de progresso

Juscelino Kubitschek incorporou o lema nacional da República Federativa do Brasil "Ordem e progresso" no núcleo de Brasília. A frase abreviada do positivista francês Auguste Comte "*O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim*" tem elementos sociais (busca respeito aos seres humanos e preservação da maneira da vida digna) e políticas (o melhoramento do país em termos materiais, intelectuais, e morais).

9.2.2 O progresso

O programa de Kubitschek, chamado o Plano de Metas, prometeu o progresso imenso, ou seja "cinquenta anos em cinco". Inicialmente, o plano tinha trinta metas, mas mais uma foi adicionada posteriormente, e incluíram mudanças nas áreas de energia, transportes, indústria de base, alimentação e educação - o Brasil devia tornar-se num país desenvolvido e industrializado. Contudo, o programa permitiu o investimento estrangeiro e incluiu vários créditos e empréstimos de bancos e empresas estrangeiras. As empresas brasileiras investiram nas indústrias de base e produção de tecidos, móveis, alimentos, vestuário, e construção civil, enquanto as empresas multinacionais investiram na produção de bens de consumo, e especialmente na indústria de automóveis, uma indústria crescente e lucrativa porque envolve várias outras indústrias, como, por exemplo, produção de pneus, vidros, faróis, etc. A partilha entre os investimentos causou a inflação e uma grande dívida

externa, que foram grandes problemas econômicas, e um tipo de êxodo rural porque a população de regiões rurais fugiu para as cidades para encontrar trabalho nas indústrias crescentes, que foi um problema sociológico.

A ideia de progresso foi encarnada na construção de estradas: as estradas possibilitaram a transporte e comunicação, que não foi fácil num país tão grande como o Brasil. Tendo construído a autoestrada entre o Rio de Janeiro e São Paulo em 1928, o presidente Washington Luís afirmou que “governar é construir estradas”. O governo de Kubitschek adotou este lema e um mapa com a distância entre Brasília e outras cidades maiores e capitais dos estados (Figura 2) começou a circular nas publicações. Ironicamente, os materiais para a construção de Brasília foram transportados nos aviões das Forças Armadas porque as estradas ainda não foram construídas.

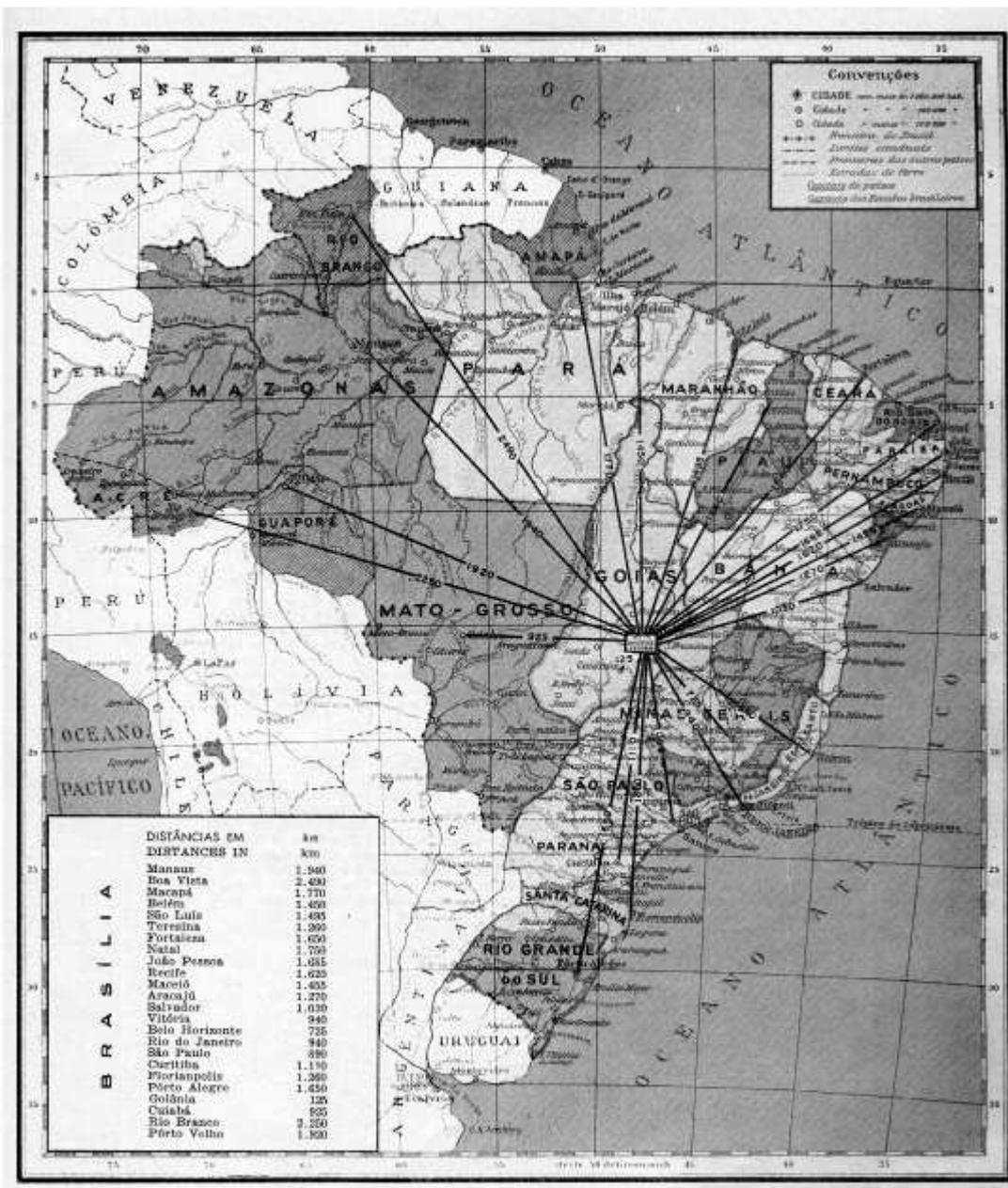


Figura 2

O avião representa um símbolo forte de progresso e por isso o avião tem vários componentes na simbólica de Brasília: visto de cima (de ponto de vista de um passageiro de avião), a cidade tem um aspecto de avião¹. O próprio nome “Plano piloto” causa ambiguidades porque a palavra “piloto” faz-nos

¹ A comparação com o avião vem de Stierli, Lúcio Costa dizia que a cidade tem a forma de uma borboleta.

pensar em um piloto de avião, quando, em realidade, é simplesmente um termo de construção civil:

“O plano piloto (não confundir com o plano diretor) refere-se a qualquer plano preliminar ou de embasamento a um empreendimento. A palavra está sobretudo associada ao urbanismo moderno de matriz funcionalista do século XX e se refere a planos urbanísticos de forma geral.” (E-Civil, Dicionário da Construção Civil)

A ideia de transporte como analogia de progresso pode também ser vista no fato que a interseção de dois eixos centrais do plano hoje em dia é o lugar de estação de autocarros multinível. O ponto de partida para as viagens está situado mesmo no meio, no coração da cidade, e nesse sentido representa o progresso na forma de viagem como um dos elementos mais importantes nas mentes dos brasilienses, mas dos brasileiros em geral também. A ideia de progresso pode também ser vista na arquitetura de Oscar Niemeyer e o seu uso dos materiais modernos, mas também nas inovações formais, como cantilêveres atrevidos, muros brancos, abstratos e curvados; tudo isso produz um sentido de leveza e separação, apropriado para uma cidade para a era de avião.

9..2.2 *A ordem*

O plano urbanístico de Brasília e a sua divisão rigorosa em setores separados para funções diferentes já mostra que a ordem também foi um dos elementos fundamentais presentes na ideia da sua construção. Planeada como uma cidade ideal da época moderna, Brasília devia resolver o problema omnipresente de favelas, que representavam tudo oposto do lema “ordem e progresso”: foram desordenadas, não planeadas; faltam estrutura e funciona-

cidade. Porém, a promessa de uma cidade ideal atraiu muito mais pessoas do que o plano tinha previsto e a primeira favela apareceu em 1958, foi chamada Sara Kubitschek Town, nome da primeira dama, esposa de Juscelino Kubitschek. O plano inicial de Lúcio Costa não incluiu planos para expansão no futuro e a população cresceu mais de três vezes, resultando em várias cidades-satélites desordenadas.

O ideal de ordem foi representado na obra de Oscar Niemeyer também: o Eixo Monumental, com os seus prédios governamentais, parece “uma representação simbólica de governo e da sua poder por meio de arquitetura” (Stierli, 2013:11), e não um espaço para viver. Tudo isso é enfatizado adicionalmente com a distância vasta entre os prédios monumentais; a praça central parece mais como um espaço de controle do que a sua intenção inicial - um ponto de encontros. Como uma ironia de destino, os atores de ditadura militar utilizaram a praça como o lugar de confirmação final do seu poder, e Oscar Niemeyer foi para exílio porque não foi defensor da ideologia e política do movimento.

9.3. A utopia de igualdade

A influência do modernismo no Brasil desempenhou um papel importante na arquitetura, mas nas outras áreas também. Uma das mais importantes foi a literatura. Em 1928 Oswald de Andrade publicou a obra mais influente da época, o *Manifesto Antropófago*. A obra exprime os seus pensamentos sobre o Modernismo Brasileiro, com uma postura crítica sobre a herança portuguesa no Brasil, os missionários, e o padre Antônio Vieira; Andrade quer afastar-se de português e criar uma língua brasileira.

Influenciada pela filosofia de primitivismo de Breton, aproximando se ao

Marx, e a psicanálise de Sigmund Freud, a ideia principal do movimento foi a redefinição de conceito colonial de canibalismo a sua adaptação como uma força cultural positiva; uma força de rejuvenescimento e de emancipação. O objetivo foi a deglutição metafórica da cultura e influências exteriores (norte americana e europeia) e interiores (dos povos indígenas, índios, mas também descendentes dos imigrantes africanos e europeus). Isso significava a reinterpretação do passado colonial e a revalorização da cultura brasileira indígena e popular, e a mistura dessas culturas para criar uma unidade nacional completamente nova e única. Nas palavras de Oswald de Andrade, a arquitetura de Oscar Niemeyer pode ser vista como carnavalização de avant-garde europeia, embora Niemeyer nunca tivesse confirmado a sua ligação com o movimento.

Niemeyer utiliza elementos como azulejos, tipicamente portugueses, e combina-os com o modernismo de Corbusier, mas também com as linhas curvas, aludindo à paisagem brasileira, e às curvas do corpo feminino ao mesmo tempo. Um outro exemplo é a sua Catedral Metropolitana da Nossa Senhora Aparecida - ele refere-se aos elementos do Barroco brasileiro no interior, misturando-os com um exterior completamente moderno, com elementos de vidro para criar uma abundância de luz. Assim chamada *carnivalização* de arquitetura pode ser vista também no fato de Niemeyer utilizar colunas gregas no exterior de Palácio de Planalto, sede da Presidência da República, mas posicionadas de cabeça para baixo. Isso pode ser visto como uma reinterpretação dos elementos tradicionais; uma homenagem e um afastamento de modelo histórico ao mesmo tempo. Professora Styliane Philippou, historiadora de arquitetura, nota que a presença de motivo de mulher, nas formas curvadas do estilo de Niemeyer, é carre-

gada com significado cultural e que apresenta uma forma e identidade cultural emancipada na situação pós-colonial. A inspiração pela arquitetura de Niemeyer é a mulher mulata, da descendência africana, simbolizando assim uma utopia de igualdade cultural e racial. Querendo enfatizar essa igualdade, Niemeyer não projetou espaço pelos empregados domésticos, imaginando assim que todas as classes sociais iam morar numa atmosfera de igualdade política, econômica e social.

10.A morte da rua

Brasília foi construída para conduzir, e não para caminhar, porque a opinião geral na altura foi que os carros iam substituir os peões no futuro. Então, não deveria surpreender que as ruas tradicionais não existem em Brasília, mas, mesmo assim, os visitantes ficam um pouco desorientados a saber que não há semáforos nem faixas de pedestres.

James Holston afirma que o homem do futuro finalmente enfrentou a sua utopia motorista e que esse desequilíbrio entre os que conduzem e os que caminham causa o gradual desaparecimento de peões. (Holston, 1989:225) Esta ausência de cruzamentos sinaliza a ausência da rua também. A arquitetura de modernismo faz isso intencionalmente porque supõe que a revogação da rua seja o requisito para a organização moderna urbana. De um lado, a rua é a causa principal de doenças, e, de outro lado, é o obstáculo para progresso porque não consegue adaptar-se às necessidades da época moderna.

Na época pré-industrial, os domínios da vida pública e privada coexistiram e misturavam-se livremente. As fachadas estendiam-se em sequências e as

saídas dos edifícios levavam diretamente à rua; quer dizer que a vida pública e privada não se podiam separar porque eram entrelaçadas. As pessoas saíram à rua para encontrar amigos, ou passavam tempo nas praças, conversando e distraíndo-se. A arquitetura de modernismo considerava os tipos de elementos arquitetônicos como ruas caóticas, praças com monumentos antigos, ou edifícios em sequência, elementos impostos e restantes do passado colonial e por isso queriam eliminá-los. Em vez disso, na cidade modernista, os edifícios são monumentos culturais em si, e não a fronteira entre a vida pública e privada, ou então a base para a vida e rua.

Adicionalmente, o plano de Lúcio Costa incluía a reestruturação do modo da vida - agrupando superquadras nos grupos de quatro, os membros de classes diferentes da sociedade viviam juntos. Isso criaria ordem política baseada na igualdade; com empresas coletivas encarregadas de bem comum. O lucro obtido nessa maneira não seria grande, então distribuição desigual de propriedade e abuso de posição seriam impossíveis. Considerando que todos os edifícios teriam funções de monumentos, não houvera monumentos especiais para personagens de passado, senão cada edifício, e assim a cidade inteira de Brasília, funcionaria como o monumento para tendências coletivas de planejamento urbano e para o estado, que é o patrocinador de tudo isso.

Contudo, esta visualização idealizada parece não ter ganho a aprovação e o sucesso imaginado entre a população de Brasília. No início, as pessoas que mudaram de outras partes do Brasil, eram acostumadas aos encontros e às conversas espontâneas ou às multidões e a agitação na rua - todas as partes típicas e tradicionais da vida brasileira. Por isso, muitas pessoas queixavam-se que Brasília falta cordialidade humana e que os espaços enormes pare-

ciam vazios e frios. A esquina da rua, como o elemento maior do qual as pessoas sentiam falta, representava uma espécie de metonímia para o sistema de troca entre pessoas, moradia, mercado e trânsito. Adicionalmente, as pessoas que vinham do campo idealizavam a rua como elemento típico da cidade. Tradicionalmente, o campo só tinha caminhos e estradas; a rua foi reservada para a cidade, o lugar romantizado onde a vida seria melhor e mais fácil. Descobrir que Brasília não tinha ruas era um choque, simplesmente porque essa cidade não tinha os elementos da cidade típica brasileira que eles imaginavam e idealizavam. A forma de utopia presente em Brasília não foi a utopia dessas pessoas.

O plano urbanístico de superquadras incluía duas entradas aos edifícios: uma na parte traseira, virada ao jardim, e outra na parte virada à rua não-existente; denominada como *antirua*. Um tipo de revolta aconteceu especialmente nas superquadras comerciais. Muitas pessoas simplesmente invertiram o plano de Costa: as fachadas, projetadas como parte da frente, agora ficam bloqueadas com caixotes e negligência geral, e as propostas entradas de serviço são entradas principais, porque desse lado existe barulho das pessoas e a agitação. Assim ocorreu um processo de re-inversão: os habitantes inverteram a inversão proposta pelo plano urbanístico. Adicionalmente, embora a rua seja proibida (no sentido que regulamentos de planejamento urbano dirigem altura dos edifícios, número de janelas etc.), os brasilienses de maneira avivaram pelo menos alguns elementos de rua e do que a rua representa. Mesmo assim, estas tentativas são limitadas e representam uma exceção, não a regra geral.

11. O abasileiramento de Brasília

O projeto de Brasília quis afastar-se de elementos típicos que as outras cidades têm, mas, fazendo isso, a cidade perdeu um pouco da sua brasilidade. James Holston sugere que o esforço por trás de plano inicial de Brasília para mudar tudo completamente leva ao paradoxo do próprio projeto: tenta-se utilizar o que já existia para realizar o que foi imaginado e nessa maneira foram destruídas as diferenças utópicas entre essas duas coisas - a realidade e o imaginado (Holston, 1989:289).

Como uma maneira de revolta contra o sistema e o imaginado pelo projeto, aconteceram em Brasília duas coisas indicativas: as cidades-satélites foram criadas e o centro modernista foi familiarizado. Paradoxalmente, as duas coisas resultaram de fatos negados pelo plano inicial: as cidades-satélites mostraram que a desigualdade social continua a existir, e o centro modernista anulou a vida urbana por causa da sua vasta extensão.

11.1. A periferia e a estratificação social

O Plano Piloto presumia que a falta de praças e ruas ia eliminar a possibilidade de desordem social do centro, criando assim uma ordem dupla: de um lado, não todos os cidadãos tinham as mesmas possibilidades de acesso à cidade, e, de outro lado, estas limitações significavam que o governo tinha que introduzir medidas novas para controlar as pessoas, e as limitações sempre encontram um tipo de protesto ou desacordo de uma parte de população.

Nos primeiros anos de Brasília, o governo tinha os seus apartamentos, habitados por funcionários públicos. Alguns anos depois, como o plano ditou, o governo vendeu os seus apartamentos por preços baixos e o mercado livre

de bens imóveis foi criado, permitindo que as pessoas comprassem apartamentos baratos, sem ordem de preferência. No entanto, os funcionários públicos de nível mais baixo agora perderam os seus apartamentos e não tinham dinheiro suficiente para comprar novos. Por causa dessas mudanças no mercado, eles foram forçados a mudar-se pelas primeiras cidades satélites. Por outro lado, o governo militar depois de 1964 deliberadamente construiu apartamentos baratos para cidadãos com baixa renda, criando assim mais cidades satélites e contraindo a premissa original de Brasília. Ao longo do tempo, ainda mais cidades satélites foram construídos, continuando assim a tendência tipicamente brasileira que os ricos vivem no centro urbano e os pobres vivem nas periferias. A avaliação é que até 75% da população de Brasília mora nas periferias.

Mesmo assim, Brasília mostra algumas particularidades que não são presentes no resto do Brasil. A primeira coisa é que não existe a mistura de favelas e bairros ricos na cidade. O centro urbano é reservado pelas classes altas, sendo assim estritamente separado das periferias pobres. Em segundo lugar, a diferença entre as rendas da população urbana e da população das periferias fica drasticamente mais alta do que no resto do Brasil. E terceiro, ao contrário de maioria das cidades nos quais as cidades transformam-se gradualmente nas periferias, em Brasília existe separação rigorosa entre a cidade e as periferias. Assim cria-se uma forma de segregação espacial; como se o centro urbano fosse rodeado com fosso e assim separado das periferias pobres.

11.2. A familiarização da cidade

A arquitetura modernista quis utilizar as novas formas arquitetônicas para

estimular uma nova forma de pensamento, experiência e interação e os princípios de modernismo deviam criar ordem funcional da vida urbana e transformar os hábitos pessoais e consciência coletiva. Estas formas novas, arquitetônicas e sociais, não foram bem aceites pelos primeiros habitantes de Brasília. A causa maior por isso foi o desconhecido - as pessoas tinham as expectativas da vida urbana, baseadas na vida no resto das cidades brasileiras, e Brasília não correspondeu a essas expectativas. A forma de pensamento dos criadores de Brasília foi drasticamente diferente da forma de pensamento dos habitantes novos de Brasília: para eles, a arquitetura padronizada denotava a anonimidade, algo negativo, e não a igualdade, a coisa positiva que os planejadores pretendiam. Adicionalmente, a utilização de vidro nas fachadas significava que a sua vida privada não era privada, e as áreas verdes nas superquadras não os interessavam. A inability de manter igualdade social levou a divisão - as pessoas ricas começaram a criar os seus pequenos enclaves ostentosas fora do Plano Piloto, com ornamentos nas suas mansões, querendo mostrar a sua riqueza, e sublinhar as diferenças entre eles e o resto das pessoas.

Um outro fator de ajustamento da cidade aconteceu por causa da eliminação das ruas e praças - os encontros sociais foram transferidos para o interior. Os espaços extensos em Brasília, feitos para reuniões sociais, tornaram-se inacessíveis às pessoas por causa do seu tamanho e porque não se podem atingir a pé. Por outro lado, os espaços verdes nas superquadras simplesmente nunca começaram a viver porque na mente das pessoas entrou a ideia que, se não existem as ruas e praças, pontos de encontro físicos, não existe nem a vida nas ruas, ou então a vida nas ruas no seu sentido de reuniões ou encontrar vizinhos espontaneamente. Dessa maneira, a esfera da vida na rua

e os encontros simplesmente desapareceram da mente coletiva das pessoas. O encontro perde o elemento de espontaneidade; reuniões são planejadas e as pessoas convidam somente essas pessoas que quiserem nas suas casas. Isso também contribuiu à segregação social - sem espaços públicos, não existem mais lugares onde membros de classes diferentes da sociedade possam encontrar-se, enfatizando assim ainda mais as diferenças entre classes, completamente oposto da igualdade social que Brasília devia atingir.

12. Brasília hoje

Como cada revolução no mundo, um projeto inovador e revolucionário como o de Brasília tinha que enfrentar opiniões extremas: algumas pessoas abraçaram o estilo novo e o modo da vida sem precedente, mas há também muitas pessoas que criticam seriamente uma cidade criada a partir do nada. A maior questão é se Brasília funciona como uma cidade em totalidade.

A ideia de Oscar Niemeyer era criar uma cidade completamente nova, oposta ao Rio de Janeiro, sem herança colonial e com planejamento racional. No sentido técnico e arquitetônico, a realização da cidade numa área de 5 801 937 km² é perfeita. O problema é que o espaço é imenso e então alguns críticos argumentam que parece como se não fosse uma cidade para peões – como se fosse criada numa escala não adequada para os seres humanos.

Ricky Burdett, professor de Estudos Urbanos na universidade London School of Economics diz que “Brasília simplesmente não é uma cidade”. A sua opinião é que Brasília não tem a complexidade de uma cidade normal. As esferas da vida quotidiana, normalmente misturadas e entrelaçadas, têm uma divisão clara – não existem bairros nos quais as pessoas podem, por exem-

plo, jantar, fazer a compra e ler na biblioteca: tudo tem o seu lugar, cada zona tem o seu fim e objetivo; faltam espontaneidade e combinações. Durante a história, embora as cidades tenham sido planeadas, muitas coisas aconteceram sem intenção, sem qualquer plano, mas isto não é o caso em Brasília e por isso talvez falte um toque humano que as outras cidades do mundo têm.

Alias, a questão não é se os prédios de Oscar Niemeyer funcionam individualmente, senão se ele e Lúcio Costa conseguiram incorporar as suas ideias para que funcionassem como um conjunto único. O zoneamento da cidade, que, objetivamente, facilita o controlo sobre o futuro da cidade e permite a preservação de ordem, também criou uma forma de segregação social, e isso definitivamente não foi a parte do plano de Niemeyer, um comunista convicto. O que Niemeyer queria criar foi a igualdade perfeita entre as classes, mas a cidade tornou-se numa das cidades com a maior desigualdade no país.

Uma das ideias de planeamento foi erradicar as favelas, mas hoje em dia, a segunda maior favela do Brasil, Sol Nascente, está situada apenas 35 km de centro de Brasília. Numa área de 16 000 m², Sol Nascente tem uma população de 56 400 pessoas, sem infraestrutura apropriada – só 6% dos habitantes têm acesso à rede de saneamento, existem apenas quatro escolas públicas, e não existe um hospital; com nível baixo de segurança – não existem postos policiais, embora aconteceram mais de 1 800 assaltos, 80 homicídios, e 73 violações nos primeiros seis meses de 2013. As favelas desenvolveram-se espontaneamente nas áreas suburbanas de cidade, mas a situação para a população morando no centro da cidade é muito diferente: o produto interno bruto per capita em relação às capitais do resto de América Latina é o

segundo maior (57.665,03 reais), e a renda média é aproximadamente de três vezes maior que a renda média brasileira.

13. Conclusão

O objetivo desta obra foi explicar a base e o contexto histórico e social de construção de Brasília e apresentar os problemas que a herança modernista da capital brasileira enfrenta hoje em dia.

A primeira parte desta obra dedica-se à história de Brasília. Nos primeiros capítulos foi explicada a história e as razões para mudanças de capitais brasileiras, de Salvador para o Rio de Janeiro, e, finalmente para Brasília. Brasília foi planeada para ser o berço da civilização brasileira brilhante e nova, na hipótese que os problemas no futuro se pudessem evitar e eliminar completamente. O governo central forte devia fazer uma mudança social, misturando raças e classes diferentes, e, ao mesmo tempo, revitalizando a economia com emprego novo e indústria no centro do país. Nos capítulos seguintes foi descrita a situação no Brasil nos anos 1950 e as intenções dos personagens principais envolvidas na construção da capital: Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Eles quiseram construir uma capital nova baseada na premissa que a arquitetura pode mudar uma sociedade e construir um futuro novo. Um capítulo fala sobre Martin Stierli e a sua visão das várias utopias presentes em Brasília: utopia de progresso, descolonização e igualdade.

Finalmente, a segunda parte da obra fala sobre a reação dos próprios brasileiros nas ideias por trás de Brasília e o abasileiramento de alguns elementos do seu aspeto, como por exemplo falta da vida nas ruas.

Como vimos, a maioria dos críticos sugerem que foi um sucesso simbólico, mas a sua arquitetura moderna e plano idealístico colidiram com os desejos e as necessidades dos seus habitantes. Brasília talvez não cumprisse o seu golo modernista e utópico, mas a cidade ainda existe, não na forma ideal imaginada, mas misturada com elementos tipicamente brasileiros, como favelas ou encontros de vizinhos na rua, resultando numa mistura extraordinária de elementos únicos da herança modernista e elementos tipicamente brasileiros.

Alguns críticos também pensam que a premissa de Brasília era demasiado otimística para começar, mas, na minha opinião, sem um pouco de idealismo no futuro mais, a questão é se as coisas mudariam em tudo, ou tudo ficaria num estado onipresente de *status quo*.

14. Bibliografia

de Andrade, Oswald. Manifesto Antropofágico.

<http://www.agencetopo.gc.ca/carnages/manifeste.html>

Bevan, Robert. "What Makes a City a City - and Does It Really Matter Anyway?" *The Guardian*. Consultado em 27-05-2015.

<http://www.theguardian.com/cities/2014/may/08/what-makes-city-tech-garden-smart-redefine>

Brasília poética. Consultado em 12-03-2015.

http://brasiliapoetica.blog.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=232&Itemid=44

Casa de Lúcio Costa. Consultado em 12-11-2014.

<http://www.casadeluciocosta.org/>

CiênciaMão. Consultado em 10-04-2015.

<http://www.cienciamao.usp.br/>

Concursos de arquitetura e urbanismo. Consultado em 11-01-2015.

<http://concursosdeprojeto.org/2010/04/21/plano-piloto-de-brasilia-lucio-costa/>

"Construção de Brasília." *InfoEscola*. Consultado em 12-02-2015.

<http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/construcao-de-brasilia/>

Haub, Carl. *What Is a City? What Is Urbanization?*

<http://www.prb.org/Publications/Articles/2009/urbanization.aspx>

História de Brasília. Consultado em 21-05-2015

<http://web.archive.org/web/20070625231551/http://www.infobrasilia.com.br/lucio.htm>

Holston, James. *The Modernist City: An Anthropological Critique of Brasilia*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

Low, Setha M. (ed.). *Promišljanje Grada. Studije Iz Nove Urbane Antropologije*. Zagreb: Naklada Jesenski i Turk, 2006.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Consultado em 21-03-2015.

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/juscelino_kubitschek

The Architecture Week Great Buildings Collection. Consultado em 15-02-2015.

http://www.greatbuildings.com/architects/Lucio_Costa_and_Oscar_Niem.html

Memorial JK. Consultado em 10-12-2014.

<http://www.memorialjk.com.br/>

Papadaki, Stamo. "The Work of Oscar Niemeyer."

"Os Anos de JK: 2. A Idealização e Construção de Brasília - Passeiweb."

Consultado em 10-11-2014.

http://www.passeiweb.com/estudos/sala_de_aula/historia/os_anos_jk_brasilia

Rowe, Hayley A. "The Rise and Fall of Modernist Architecture." *Student Pulse* 3, no. 04 (2011). <http://www.studentpulse.com/articles/515/the-rise-and-fall-of-modernist-architecture>

Plano de Metas. Consultado em 20-04-2015.

<http://www.historiabrasileira.com/brasil-republica/plano-de-metas/>

Sennett, Richard. "Capitalism and the City." Consultado em 20-04-2015.

[http://on1.zkm.de/zkm/stories/storyReader\\$1513](http://on1.zkm.de/zkm/stories/storyReader$1513)

Stierli, Martino. "Building No Place." *Journal of Architectural Education*, 67:1, 8-16 (2013)

"What Is Modernism? - National Trust for Historic Preservation." *Preservationnation.org*. Consultado 25-10- 2014.

<http://www.preservationnation.org/magazine/2008/may-june/what-is-modernism.html>

Taylor, Nigel. *Urban Planning Theory Since 1945*. London: SAGE Publications Ltd, 1998.

"Transformações Socioeconômicas No Brasil Da Década de 50." *Brasil Escola*. Consultado 12-02-2015.

<http://www.brasilecola.com/sociologia/transformacoes-socioeconomicas-no-brasil-decada-50.htm>

Um sonho Profético de Dom Bosco. Consultado em 26-03-2015.

<http://www.ucb.br/Noticias/2/5102/UmSonhoProfeticoDeDomBosco/>

21 de Abril – Aniversário de Brasília. Consultado em 22-03-2015

<http://www.velhosamigos.com.br/DatasEspeciais/diabrasilia.html>